



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

11 DE JANEIRO DE 1978.

ENTREVISTA CONCEDIDA A TELE-
VISÃO MEXICANA TELEVISÁ, TRANS-
MITIDA EM 13 DE JANEIRO DE 1978.

1 — Senhor Presidente, haveria muito que perguntar-lhe, mas em razão do limitado tempo de que dispõe tivemos que abreviar nossas perguntas. A primeira pergunta é a seguinte: Como definiria seu Governo no panorama da América Latina, com relação a outros regimes militares. Acredita o Senhor que nossos povos latino-americanos necessitam, de certo modo, de um governo com disciplina militar ou que este é, talvez, o sistema mais eficaz para resolver nossos problemas atualmente? O próximo governo do Brasil, o do General Figueiredo, será o último governo militar no Brasil?

Resposta:

Eu acho que cada Nação tem características próprias, decorrentes de suas tradições, de seu sistema de vida. É que um dos graves erros que se comete é querer copiar, um país do outro, as suas instituições. As instituições políticas variam em função da natureza do país, das características que ele tem. É evidente que todos desejamos viver no regime democrático, mas esse regime democrático tem que se adaptar às peculiaridades do país. Fala-se em governos militares na América Latina.

Existem, de fato, alguns governos que têm características profundamente militares, outros têm características já mais atenuadas e outros são considerados como militares, mas na realidade não o são. Veja que no Brasil nós tivemos uma Revolução em 1964. O México também teve a sua, foi uma revolução sangrenta que se prolongou por muitos anos, que se consolidou e que sobrevive até hoje. A Revolução brasileira, que foi feita em 64, evoluiu ao longo desses 13 anos de existência. O Governo teve, de início, uma interferência militar muito grande que progressivamente se foi atenuando. Eu, por exemplo, fui escolhido pela unanimidade do meu Partido, em convenção, pelos políticos. Eu era um General de reserva, afastado do serviço ativo já há diversos anos, e procuro governar o país como um civil. É claro que as Forças Armadas — Exército, Marinha e Aeronáutica — interferem na vida do Brasil, sobretudo na manutenção da ordem interna. E nós precisamos de que o país viva em ordem para que possa trabalhar e produzir. Mas o Governo brasileiro é um governo no qual funcionam os três Poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário), integrados na sua grande maioria por civis, e que têm como norma básica fundamental assegurar o desenvolvimento para o bem-estar da sua população. Acho que a evolução de outros regimes militares tenderá para o aprimoramento democrático, à medida em que os problemas internos, de natureza social, de natureza econômica, de pobreza, se atenuem. É o que nós procuramos fazer. Nós procuramos viver dentro de uma democracia que evolua sempre no

sentido de melhoria. Mas evitamos copiar o que os outros fazem, porque nem sempre aquilo que os outros fazem serve para o nosso país. O futuro Presidente, que me sucederá dentro de um ano e pouco, acredito levará o país a evoluir também no mesmo sentido e que o Brasil procurará sempre aprimorar sua democracia.

2 — O Brasil, como a maior nação da América Latina e economicamente muito poderosa, pretende a liderança na Região? É certo que Bolívia e Paraguai se queixaram que o Brasil ambiciona extensões territoriais?

Resposta:

O Brasil não pensa em liderança na América Latina. Apesar de ser um país grande territorialmente, com 8,5 milhões de quilômetros quadrados e de também sermos grandes do ponto de vista demográfico, — somos mais de 110 milhões de brasileiros — temos muitas debilidades, temos muitos pontos fracos. O país tem regiões como a Região Sul, que é uma região bastante desenvolvida. Veja que em São Paulo a renda *per capita* é superior a 3.600 dólares, mas temos outras regiões que são pobres e que sofrem influências de climas muito desfavoráveis como o Nordeste. Na Região Nordeste, desde a Bahia até o Ceará e o Piauí, vive um terço da população brasileira numa situação bem mais desfavorável. Temos o Centro-Oeste do país, onde agora está localizada a Capital, Brasília, que está começando a se desenvolver. E, finalmente, temos

a imensa Amazônia, que ocupa quase a metade do território brasileiro e que é praticamente virgem. Ora, um país assim tem inúmeros problemas internos, tem problemas que são problemas de natureza humana como habitação, educação principalmente, saúde pública, emprego, que absorvem extraordinariamente as nossas atividades. A construção de uma infra-estrutura que dê unidade ao país é também uma obra extraordinária e sobre-humana. De modo que a nossa política é cuidar do Brasil e cuidar dos brasileiros. Vivemos bem com todos os nossos vizinhos. Temos fronteira com 10 países da América Latina e com todos eles vivemos em harmonia. Claro que existem problemas, existem pequenos conflitos, existem divergências, mas que sempre temos procurado resolver satisfatoriamente e somos amigos de todos. Temos o mesmo relacionamento com outros países que não são nossos vizinhos, mas que se situam na América, como os países da América Central e o México. Nossos atos internacionais, os acordos que firmamos e as negociações que realizamos sempre são feitos em pé de absoluta igualdade, sem a preocupação de hegemonia ou de imperialismo. Veja que com o Paraguai, por exemplo, estamos agora construindo talvez a maior usina hidrelétrica do Mundo, que é Itaipu, em condições de absoluta igualdade. 50% da usina é do Brasil, 50% da usina é do Paraguai e a energia que o Paraguai não absorver o Brasil se compromete a comprar. Com a Bolívia, nós temos enlaces ferroviários, temos uma imensa fronteira e convivemos como países amigos. Com o Uruguai nós temos uma fronteira

da ordem de 1.500 km em que as populações vivem como irmãos. Há cidades, a exemplo das cidades de Livramento e Rivera, que são cidades geminadas, separadas por uma avenida internacional em que a população vive como se fosse uma única cidade. Eu acho que o país que se conduz assim não pode ser acusado de ter tendências de hegemonia.

3 — Senhor Presidente, nas condições do mundo atual, pode um país em desenvolvimento progredir por seu próprio esforço sem comprometer sua independência política e econômica? A expansão econômica do Brasil, por exemplo, não está comprometida, não teria criado uma excessiva dependência do exterior?

Não creio. Não creio, pelas seguintes razões: acho que o desenvolvimento de um país tem que ser, antes de mais nada, principalmente, fruto do trabalho de seus filhos. O Brasil se desenvolve e se desenvolverá e acredito que o México também, aqui pelo esforço dos brasileiros, e lá pelo esforço dos mexicanos. Este é o ponto principal. Temos que ter vontade de crescer e de nos desenvolver economicamente e socialmente. Isto será um esforço nosso. Mas, se nós tivermos ao lado disso a cooperação do exterior, se esta cooperação vier com recursos financeiros, se vier, sobretudo, com tecnologia, cooperar conosco, nós poderemos caminhar mais depressa. É claro que deve haver leis, deve haver normas, deve haver princípios que regulem essa convivência, porque é evidente que o país não

pode abdicar de sua soberania. Creio que isto é possível. Fala-se muito nas empresas multinacionais. Elas são um fato, são uma realidade do mundo de hoje, mas elas podem ser controladas de maneira que os seus interesses sejam atendidos, mas sem prejudicar os interesses nacionais. Este problema de utilização de recursos do exterior, como capital e tecnologia estrangeira, é que eles entram normalmente através de empresas multinacionais, que de certa forma são condenáveis na medida em que atendam mais a seus próprios interesses do que aos do país onde estão. Creio que através de uma legislação adequada é possível fazer com que as multinacionais também atendam aos interesses dos países onde elas estão sediadas. Existem leis, ou podem ser elaboradas leis, que conciliem os interesses de ambas as partes.

4 — Alguns observadores estrangeiros estimam que o chamado milagre econômico brasileiro não beneficiou o povo na medida em que se esperava. Que opina o senhor a respeito?

Resposta:

Em primeiro lugar eu não aceito esta explicação, de milagre brasileiro. Procurou-se apresentar os resultados econômicos que o Brasil teve, durante esses últimos 10 anos, como milagre. Não creio que seja. É decorrência de trabalho e desenvolvimento. O verdadeiro milagre brasileiro é a unidade nacional. É um país enorme, que tem condições de clima e de ecologia extraordinariamente diferentes, a sua

população também é uma mistura de populações de todas as origens. Aqui convivem o branco, o índio, o negro e o homem do Oriente, amarelo, convivem árabes e judeus sem conflitos e todos são brasileiros. São brasileiros no idioma, são brasileiros inclusive na maneira de viver. Este é que é o verdadeiro milagre. Mas, voltando à sua pergunta, realmente o desenvolvimento econômico que se atingiu ainda não se transferiu inteiramente para as populações mais pobres. Mas elas já melhoraram. As condições de vida do povo brasileiro, inclusive das classes menos favorecidas, já são bem melhores. Está longe de ser aquilo que nós desejamos e é possível que com o tempo a renda possa se distribuir melhor. Já se nota, já existe no Brasil, sem dúvida, uma sensível melhoria de vida. Eu espero que em 1980 os resultados com relação à população menos favorecida do país se apresentem já bem melhores. Pelo menos é a observação que eu colho através das visitas que faço às diferentes regiões do país. Tenho verificado que de um modo geral o povo já vive melhor, no que se refere à habitação, ao suprimento de água, saúde, assistência médica, escolas, automóveis, comodidades domésticas, como máquina de costura, aparelhos de televisão, rádios e assim por diante. Há para mim um indício palpável de que as condições de vida, mesmo das classes menos favorecidas, têm melhorado.

- 5 — Senhor Presidente, dentro de 3 dias o senhor viajará ao México. Que espera de sua visita? Em que campos existem, primordialmente, pos-

sibilidades de complementação, de intercâmbio entre México e Brasil? E para finalizar: Creio que o Brasil tem algo muito interessante com relação a novas fontes de energia, como a utilização do hidrogênio, que seria uma nova alternativa energética.

Resposta:

Eu realizarei a minha visita ao México com extraordinária satisfação. De um lado porque eu vou conhecer um país *de visu*, quando até hoje eu o conheço através de relatórios e livros, ilustrações, ou de conversas com amigos que já estiveram por lá. Mas não há como a impressão própria, visual, para se formar idéia da realidade do país. Eu considero o México um país fascinante. Pela sua história, pelas suas realizações. Acredito que a minha visita ao México sirva para estreitar mais os entendimentos entre os nossos países. Nós vivemos um pouco distantes. A realidade é que o Brasil e o México, ao longo desses anos todos, embora não tivessem problemas entre si, fossem sempre amigos, e quase sempre tivessem concordado nos seus pontos-de-vista, se mantiveram mais ou menos distantes. Eu não sei se é uma decorrência da geografia ou se é uma falta dos homens e dos estadistas que governaram esses países. Pois bem, eu vou me esforçar para diminuir essa distância não só no sentido humano-social, mas também no econômico. Acho que no campo econômico o Brasil e o México, se usarem a imaginação e procurarem explorar este terreno, terão muitas áreas em que poderão coope-

rar e que se poderão complementar. E darão, assim, a outros países da América Latina, exemplo da cooperação que todos nós devemos fazer, de interesse comum. Há, por exemplo, esse aspecto a que a senhora se referiu que é o aspecto energético. Esta é uma das maiores vulnerabilidades do Brasil. Sabe que o Brasil até hoje é um país pobre em recursos energéticos, sobretudo em petróleo e carvão, recursos fósseis. Nós tivemos a grande felicidade de ter uma extraordinária rede hidráulica, os nossos rios é que até hoje têm produzido quase toda a energia que o país consome. Mas estamos preocupados com o futuro. O México teve agora extraordinária ventura de aumentar o seu potencial de petróleo e de gás, que é uma riqueza extraordinária, e eu acredito que essa riqueza em si vai transformar o México. O Brasil até agora não teve a mesma ventura, mas claro que temos outras vantagens, outras circunstâncias que nos permitirão enfrentar esse problema. Mas de qualquer maneira nós achamos que esses recursos, com o tempo, possivelmente no fim do século, vão chegar ao fim e nós temos que encontrar outras fontes de energia e aí está porque o Brasil luta por um programa nuclear independente, embora seja um país pacifista e absolutamente não pense em proliferar a arma nuclear; o país precisa, necessita urgentemente, de cuidar desse problema, sobretudo tendo em vista a população futura que teremos. Achamos que haverá outros processos além da energia solar. Acreditamos que o hidrogênio também possa vir a ser um combustível a ser utilizado e aí então a tecnologia terá que ser desenvol-

vida. Mas, torno a lhe dizer que estou ansioso em chegar ao México e acredito que a minha viagem trará para mim duas satisfações íntimas. Uma, de conhecer o México e a sua gente, não só os seus dirigentes, mas o povo, num contato íntimo que me permita fazer alguns amigos a mais na minha vida. Mas de outro lado, de ser útil ao Brasil e ao México, estabelecendo relações mais profundas e mais proveitosas para ambos os países e consequentemente em benefício geral.